

O APAGAMENTO DA CONSOANTE PÓS-VOCÁLICA /R/ EM VERBOS NO INFINITIVO

THE DELETION OF THE POSTVOCALIC CONSONANT /R/ IN INFINITIVE VERBS

Josefa Silva Arruda Neta

<https://orcid.org/0009-0006-9468-6235>
Universidade Federal de Campina Grande
josefaarruda35@gmail.com

Denise Lino de Araújo

<https://orcid.org/0000-0002-5426-340X>
Universidade Federal de Campina Grande
denise.lino@professor.ufcg.edu.br

Resumo: Estudos sobre a variação linguística no processo de aprendizagem na compreensão das regras gramaticais são recorrentes nos estudos linguísticos. Mas muito raros em sala de aula, embora se encontrem déficits altos na leitura e na escrita dos alunos, resultantes das distorções entre som-letra devido às diferenças entre a norma padrão e a variação da comunidade de fala dos alunos. Nosso objetivo é analisar o apagamento, em posição de coda, da consoante pós-vocálica /r/ no falar do pernambucano, sabendo que essas variações são resultantes de processos fonológicos que são explicados por meio de regras de uso da variante padrão que os caracterizam, e através dos estudos fonéticos. O corpus utilizado é composto pelas entrevistas realizadas pelo repórter “Jota Junior” em Pernambuco e divulgada no canal TV Guararapes Oficial. A análise dos dados foi orientada à luz dos estudos de Orlandi (2005), Leite e Callou (2002), Lemle (1995), Labov (2008 [1972]); Gnerre (1985); Couto (1991), entre outros. A análise das entrevistas indicou que há uma contraposição entre a regra gramatical estabelecida e a prática linguística observada na fala pernambucana, pois a regra gramatical prescreve a pronúncia da desinência “-r” para que os verbos sejam classificados como infinitivos e a realidade linguística demonstra uma variação fonética na qual essa desinência pode ser omitida na fala cotidiana sem comprometer a compreensão entre os falantes. E como conclusão da análise, e aporte para os professores e pesquisadores de língua, foi indicada uma proposta de atividade que exemplifique uma prática de ensino pautada no olhar para a variação linguística do aluno que realiza o apagamento do /r/ em coda silábica e que reflete essa relação som-letra na escrita.

Palavras-chave: Variação Linguística. Fonética-fonologia. Gramática Tradicional. Ensino.

Abstract: Studies on linguistic variation in learning and understanding grammatical rules are recurrent in linguistic research, but are very rare in the classroom. This is despite the high deficits in students' reading and writing skills, which result from distortions between sound and letter due to differences between the standard norm and the speech community variation of the students. Our goal is to analyze the deletion of the postvocalic consonant /r/ in the coda position in the speech of Pernambuco natives, acknowledging that these variations result from phonological processes that can be explained through both the usage rules of the standard language variant, also through phonetic studies. The corpus used consists of interviews conducted by reporter "Jota Junior" in Pernambuco and broadcast on the TV Guararapes Official channel. The data analysis was guided by the studies of Orlandi (2005), Leite and Callou (2002), Lemle (1995), Labov (2008 [1972]), Gnerre (1985), and Couto (1991), among others.

The analysis of the interviews indicated a contrast between the established grammatical rule and the observed linguistic practice in Pernambuco's speech. The grammatical rule prescribes the pronunciation of the suffix "-r" for verbs to be classified as infinitives. At the same time, linguistic reality shows a phonetic variation in which this suffix can be omitted in everyday speech without affecting understanding among speakers. As a conclusion to this analysis and a contribution to language teachers and researchers, an activity is proposed to exemplify a teaching approach that addresses the linguistic variation of students who delete /r/ in syllabic coda, reflecting this sound-letter relationship in their writing.

Keywords: Linguistic Variation. Phonetics-Phonology. Traditional Grammar. Teaching.

Introdução

As diferenças entre as variantes do português brasileiro e do português europeu já foram apontadas em vários estudos de língua, desencadeando discussões sobre a existência ou não de uma “língua brasileira”. Mas não há dúvida de que a história da colonização brasileira se reflete na diversidade linguística existente no país e isto evidencia a tentativa de supremacia de uma cultura lusitana e branca sobre os negros, indígenas e sobre a classe economicamente desfavorecida, formada por descendentes desses povos (Orlandi, 2005).

A visão de uma língua homogênea que apenas os brancos e a classe mais alta usam é um mito que deve ser discutido, pois evidencia a ideia de uma normatização do português falado no Brasil em relação a um português chamado de “padrão”, que, apesar de apresentar variações, tem prestígio e representa uma norma do que é “falar bem e escrever bem” para a sociedade (Leite e Callou, 2002). Essa concepção de uma língua homogênea, que está ligada apenas ao “português padrão”, elitizado e descrito em gramáticas, nega a diversidade de características pluriculturais e, principalmente, as diferentes variedades que estão na modalidade oral da língua, as quais provam a recorrência de rupturas entre as regras gramaticais e os usos do português brasileiro.

Levando em conta que a língua é o processo e o produto da competência de qualquer indivíduo, também se faz necessário defender que compreender a gramática é uma competência aprendida e, portanto, em sala de aula esse ato requer procedimentos pedagógicos e prática contínua. Cada aluno apresenta variações em diferentes níveis, fazendo uso da língua brasileira falada a qual é totalmente diferente da língua padrão apresentada pelas gramáticas e essa diferença dificulta o entendimento do aluno na compreensão das regras gramaticais. Por isso, há a necessidade de que os professores de língua conheçam a realidade linguística dos alunos, para que, através da língua, os alunos observem que assim como a sociedade varia, a língua também varia em níveis linguísticos e extralinguísticos.

Labov (2008 [1972]) situou anteriormente que os estudos linguísticos contemporâneos buscam priorizar esses aspectos exteriores à língua e explicar quais fatores contribuem para o processo de variação e mudança linguística que subjazem ao sujeito que fala. Entretanto, sabe-se que somente os níveis extralinguísticos não bastam para justificar e discutir a ocorrência de novas formas na língua que não estão presentes nas gramáticas e contrapõem algumas normas gramaticais.

Tendo em vista a importância de observar as rupturas entre as regras gramaticais e o português utilizado no falar dos brasileiros para propor práticas de ensino que auxiliem o aluno no desenvolvimento de sua competência linguística, faz-se profícua a busca pela compreensão da variação linguística em seu nível fonético-fonológico no falar espontâneo, a exemplo de áudios disponíveis na plataforma do *YouTube*. É nesse

contexto que se buscou responder à seguinte questão:

1. As regras gramaticais do português padrão contrastam com a variedade do português brasileiro utilizada pelo pernambucano?

Para responder a esse questionamento, foi estabelecido como objetivo geral: *analisar o apagamento, em posição de coda, da consoante pós-vocálica /r/ em verbos no infinitivo no falar do pernambucano*. Como conclusão da análise, e aporte para os professores e pesquisadores de língua, foi apresentada uma proposta de atividade que exemplifique uma prática de ensino pautada no olhar para a variação linguística do aluno que realiza o apagamento do /r/ em coda silábica e reflete essa relação som-letra na escrita.

O desenvolvimento dessa pesquisa contribuirá para o ensino, no entendimento do alicerce entre o que o aluno fala e escreve – relação som-letra – auxiliando-o na construção de sua consciência linguística e fonológica, conforme já estudado e apontado em pesquisa anterior (Arruda Neta; Bezerra, 2023 *no prelo*) e contribuirá, cientificamente, para a compreensão e descrição/caracterização da língua em sua unidade menor, desmistificando a ideia de uma língua homogênea tal como é apresentado por algumas gramáticas.

1 Metodologia

Desde o surgimento de plataformas de *streaming* entre elas *Twitch*, *Facebook* e *Youtube*, muitas pessoas começaram a assistir entrevistas informais sendo transmitidas para diversos tipos de canais. Nesse cenário, essas entrevistas ganharam popularidade no Brasil e no mundo, transformando-se em recortes para a propagação de memes cujo conteúdo é a imagem ou a fala de um(a) desconhecido(a).

Assim, dada à popularidade, o acesso público, a presença da oralidade e a diversidade dos falantes pernambucanos em gênero, idade e, possivelmente, escolaridade, fornecendo um olhar amplo e consistente para as variedades: os dados utilizados foram do canal TV Guararapes Oficial e foram compostos a partir das entrevistas realizadas pelo repórter “Jota Junior” em Pernambuco.¹

Para analisar dados linguísticos que indicam a diferença entre a variação linguística da região em estudo e as regras gramaticais, foco da pesquisa, foi necessário trabalhar com algumas dimensões e parâmetros² de análise que serão apresentados no Quadro 1 a seguir:

¹ <Entrevistas disponíveis em: <<https://youtu.be/lqUBTePUzCU>>. Acesso em 10 de março de 2024>.

² O conceito de “variável” é dividido em “dimensão” e “parâmetros”, sendo a dimensão uma combinação de dois ou mais parâmetros opostos (Thun, 2010, p. 6).

Quadro 1 - Distribuição dos participantes de acordo com as dimensões

Dimensão	Parâmetro	Critério
Diatópica	2 pontos de inquérito: Ponto 1: Recife-PE urbano; Ponto 2: Recife-PE rural.	Ser recifense e morar há pelo menos 10 (dez) anos na localidade de pesquisa.
Diageracional	GII: Geração mais velha; GI: Geração mais jovem.	GII: Ter mais de 41 anos; GI: Entre 20 e 40 anos.
Diagenérica	Homem (H) e Mulher (M)	-
Diastrática	Classe “socioculturalmente” alta (Ca) Classe “socioculturalmente” baixa (Cb)	Ca: Cursando ou com Ensino Superior completo; Cb: de pouca escolaridade até o Ensino Médio.

Fonte: Adaptação com base em Thun (2010).

Para garantir a exequibilidade da pesquisa, na análise de dados foram utilizadas as dimensões que constam no Quad 1, ou seja: a) dimensão diatópica envolvendo os dois pontos de pesquisa, Recife urbano e Recife rural; b) dimensão diagenérica (variação entre Homem (H) e Mulher (M)); c) dimensão diastrática (variação entre classe sociocultural alta (Ca) e baixa (Cb)) e d) dimensão diageracional (variação entre geração mais velha (GII) e geração mais jovem (GI))³.

Partindo desse pressuposto, o primeiro passo foi a transcrição dos dados, que foram expostos apenas em fragmentos na análise, tendo em vista a intencionalidade e o objetivo da presente pesquisa. Na sequência, foram escolhidas as variáveis linguísticas e extralinguísticas a serem analisadas. Para análise dos dados fonéticos, baseamo-nos nas variáveis operacionais, dividindo-as em: (i) variável dependente; (ii) variável independente; (iii) variáveis linguísticas, (especificamente, a posição do /r/ na palavra, contexto precedente e seguinte à fricativa, traço [voz] do contexto seguinte à fricativa e tonicidade) e (iv) as variáveis extralinguísticas (diagenérica, diageracional, diastrática e diatópica).

Além disso, após a análise, foi apresentada uma proposta de atividade relacionada ao apagamento da consoante /R/ em coda silábica, enfatizando a importância do ensino sob o viés fonético-fonológico, bem como a valorização e o reconhecimento das variedades presentes no vocabulário do aluno, fazendo-o diferenciar a fala e a escrita, evitando a transposição automática desta relação som-letra em suas produções textuais e no entendimento das regras gramaticais. Quanto às categorias de análise, três foram selecionadas, a saber: analisar a consoante pós-vocálica /R/ em verbos no infinitivo; identificar se há apagamento condicionado pelo ambiente fonético; e comparar o significado de seu apagamento no falar do pernambucano em relação às regras gramaticais.

³ Os dados dos participantes da entrevista foram fornecidos pela equipe da TV Guararapes através do contato (81)2125-5126, cuja solicitação se deu através da identificação por meio da instituição da Universidade Federal de Campina Grande, a qual a pesquisadora faz parte, apresentando o projeto de pesquisa com introdução, aporte teórico e metodologia, além da comprovação de vínculo através do histórico acadêmico.

2 Reflexões sobre os usos e as regras gramaticais

É importante destacar a relação entre a variação sociocultural e a variação estilística. Para isso, pode-se dizer que é crucial afirmar que “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais” (Gnerre, 1985, p. 4). Ora, dizer que a expressão “você vai dormi[Ø] hoje”, que marca a ausência da consoante pós-vocálica /r/ do verbo no infinitivo, é estigmatizada em comparação à expressão “você vai dormir hoje”, é forçoso. Dificilmente é possível identificar a sonorização da vibrante em coda silábica no falar, tanto em ambientes que requerem formalidade quanto em ambientes que podem utilizar da informalidade.

A utilização do português padrão em qualquer situação de interação tem relação com o ensino de língua portuguesa nas escolas, pois alguns professores baseiam as suas aulas tão somente na gramática normativa e prescritiva, que é como a suposta variedade-padrão está codificada nos manuais de gramática. Assim, ao não dedicar-se a observar a variedade falada pelos usuários da língua, a gramática torna-se base na modalidade escrita e acaba sendo utilizada em várias circunstâncias de interação ou torna-se domínio de elitização política e social da língua, pois “só fala e escreve bem, quem usa a norma” (Couto, 1991).

Respostas dessa adoção unicamente da gramática tradicional é a liquidação da última característica das camadas menos prestigiadas: exclui a sua variedade linguística (Castro, 2022). A repetição em esforço e reforço durante as aulas das normas ortográficas e gramaticais é tempo perdido no trabalho prático com a linguagem em uso. Essa metodologia didática utilizada em sala de aula aumenta o preconceito linguístico, porque estigmatiza as formas discursivas e eficazes que os alunos usam em seu cotidiano nessa tentativa de substituir a variedade não-padrão pela variedade-padrão.

Quando o aluno já passou pelo processo de aquisição da língua, ele chega à escola com um conhecimento gramatical da variação linguística de sua comunidade (língua-I). E, às vezes, ao ingressar na escola, o aluno é exposto a formas que não correspondem àquelas que ele já adquiriu. No entanto, mesmo diante dessas formas diferentes, o aluno tende a utilizar o conhecimento gramatical que já possui e o ensino tradicional, por sua vez, tenta desencorajar esse uso por meio da instrução formal e das correções, já que ele não está de acordo com o que é exigido pela Gramática Normativa para a escrita. Como resultado, muitas vezes surgem produções escritas que combinam diferentes formas, refletindo a confusão entre a gramática internalizada pelo aluno e as regras ensinadas durante o processo de escolarização.

Atualmente, muitos alunos da educação básica têm apresentado esse déficit nas modalidades de leitura e de escrita, bem como na compreensão das regras gramaticais. Sabe-se que estas modalidades são importantes para o ensino e para o desenvolvimento do saber do aluno, mas quando alguns professores de língua se deparam com inadequações ortográficas acabam fugindo devido aos preconceitos de que trabalhar a ortografia é ultrapassado. Esta atitude eleva a quantidade de inadequações presentes nas produções textuais dos alunos, que comprometem o sentido da comunicação.

Por exemplo, nesta pesquisa, há a reflexão de que a gramática apresenta que o infinitivo dos verbos é o modo impessoal, isto é, o modo que relata a ação verbal sem flexionar-se nas diferentes pessoas gramaticais, não estando conjugado (Chini, 2020). Assim, a marcação do infinitivo é realizada pela desinência “-r” na escrita, dividindo os verbos em três conjugações: primeira conjugação a-r; segunda conjugação e-r; e terceira conjugação i-r.

Portanto, estruturalmente, a desinência “-r” em verbos é uma marca gramatical que indica a conjugação em algumas formas verbais em português. Ela é particularmente encontrada na conjugação do infinitivo pessoal e nas formas do futuro do subjuntivo. Sem esta desinência, Alexandre Chini (2020, p. 224-225) afirma que o verbo estará em sua forma flexionada. Essa afirmação torna-se contraditória ao analisar o diálogo entre indivíduos que se compreendem e interpretam corretamente o significado de um verbo no infinitivo mesmo sem a pronúncia do -r e, apesar de realizarem o apagamento no falar durante o ato de comunicação, os interlocutores continuam compreendendo bem a mensagem.

Por isso, o professor de língua precisa compreender o que é regular e irregular⁴ para organizar o ensino da ortografia, pois também deve explicar que a posição precisa ser levada em conta para a correspondência entre sons e letras, mas que existem casos em que não existe princípio fônico que colabore para a escolha da letra ou posição não desviante. Fazendo-se necessário que os professores de língua saibam quais são as motivações⁵ dos desvios ortográficos, por exemplo, a partir das pesquisas que realizam a descrição de variáveis, e também saibam como categorizar os desvios através de estratégias que busquem fazer com que o aluno compreenda o funcionamento de sua língua, se aproprie da escrita ortográfica e compreenda as regras gramaticais.

3 Variáveis condicionantes

As formas em variação e/ou as variantes linguísticas “são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística” (Tarallo, 1986, p. 8). As variáveis subdividem-se em: variável dependente, que trata do fenômeno que se objetiva estudar, ou seja, das formas que estão 'em competição'; variáveis independentes, que condizem com o uso de uma ou de outra variante que, na maioria das vezes, é influenciado por fatores linguísticos (estruturais) e/ou sociais (extralinguísticos).

A análise das variáveis sociais, por exemplo, busca definir o quadro de variação observado na comunidade de fala nos termos da dicotomia entre variação estável e mudança em progresso. A variação estável avalia se o quadro de variação tende a se manter por um longo período, já a mudança em progresso implica que o processo de variação caminha para a sua obtenção em favor de uma das variantes identificadas.

3.1 Variáveis dependentes e independentes

Conforme Tarallo (1996), variável dependente é o conjunto de variantes ou de formas linguísticas em variação reguladas por uma série de categorias independentes. E, para a presente pesquisa, considera-se como variável linguística dependente a realização da glotal [h] em oposição à variante zero fonético [Ø], assim, tendo duas variantes sob análise. As variáveis independentes exercem influência no condicionamento de uma ou de outra variante. Por exemplo, no caso das variáveis linguísticas sobre as quais teceremos alguns comentários na seção a seguir, elas possuem influência no próprio sistema da língua na variação. Entretanto, as variáveis extralinguísticas, externas ao sistema, possuem influência social.

⁴ Consultar *Ortografia: ensinar e aprender*, de Morais (2010).

⁵ Desvios ortográficos distintos, geralmente, possuem origens diferentes. Com o conhecimento destas origens é possível elaborar estratégias de intervenção adequadas e adaptadas para cada caso.

3.1.1 Variáveis linguísticas

3.1.2 Posição da fricativa na palavra

A posição em coda silábica das variantes em estudo, nos verbos no infinitivo, compõe o seguinte fator da variável: posição final absoluta.

Não selecionamos para a análise desta monografia o contexto final diante de vogal da palavra seguinte, visto que, nesse ambiente fonético, ocorreria o fenômeno de ressilabificação ou sândi (juntura intervocabular) entre dois itens, estudado por Cagliari (2002). Pois, nesse fenômeno, a fricativa alveolar em coda silábica adquire o traço de vozeamento e passa a ocupar a posição de *onset* silábico e não mais coda, deixando de ser um dado para o presente estudo.

3.1.3 Contexto precedente e seguinte à fricativa

Também é necessário observar qual é o contexto vocálico antecedente favorecedor da fricativa em posição de coda silábica no português brasileiro, especialmente em Recife-PE. Neste caso, utiliza-se do método sem distinção dos dados, pois tratamos quantitativamente esses dados por suas respectivas produções fonéticas, isto é, nossa codificação foi guiada foneticamente e não fonologicamente, por isso, deduzimos que a vogal precedente à variável pronunciada com a vogal [i], será interpretada como [i] e não como o grupo das vogais /e/.

Hooper (1976) propõe um método para captar a relação entre tipos de segmentos e silabificação, tendo em vista a correlação entre a força do traço consonantal e a força da posição silábica, independentemente motivada. Em outras palavras, a ideia é que há posições fortes e fracas na sílaba e, consistentemente, as posições fracas são ocupadas por consoantes fracas e as posições fortes, por consoantes fortes.

3.1.4 Traço [voz] do contexto seguinte à fricativa

Com essa variável, é possível identificar as particularidades com relação ao traço [voz] do contexto seguinte. Assim, os fatores dessa variável linguística são: contexto [+voz]; e contexto [-voz].

Um fator que contribui para a realização do traço [-voz] ou traço [+voz] é o fato de que nos verbos em que o /r/ ocupa a posição final absoluta o valor não-marcado do traço é atribuído por regra *default* e, conseqüentemente, colabora de modo favorável à produção da variante (Schane, 1975).

3.1.5 Tonicidade

Já os fatores que compõem a variável tonicidade são: pretônico,ônico, postônico e palavra ou vocábulo sem acento. Vale considerar, também, as sílabas pré-pretônicas e pós-postônicas.

4 Resultados alcançados

Nas entrevistas realizadas pelo repórter Jota Júnior e divulgadas no canal TV Guararapes Oficial apareceram as seguintes ocorrências referentes ao apagamento da consoante /R/ em coda silábica em verbos no infinitivo, apresentadas no Quad 2.

Quadro 2: Trechos da fala dos entrevistados realizadas pelo repórter Jota Júnior

- (1) [...] só quando num tem nada pa **entrevistaØ** aí vem pa mim;
- (2) Você é um negão de **tiraØ** o chapéu [...];
- (3) Diga o que é que você **queØ** [...];
- (4) **ViveØ** a vida já é uma piada [...];
- (5) Eles podem **perdeØ** a linha;
- (6) Eu falei pra minhas amigas... eu preciso **veØ** ele um dia [...];
- (7) Você vai **soltaØ** sua pantera que há dentro de você;
- (8) [...] mas se **pegaØ** vai **gostaØ**;

Fonte: Elaboração da Autora.

Ocorreu, nos oito exemplos acima, o uso reiterado do apagamento do /r/ em posição final nas formas verbais do infinitivo na fala dos oito falantes que participaram da entrevista com Jota Júnior, não sendo uma característica única de um gênero, determinada faixa etária ou escolaridade, pois os exemplos foram extraídos de falantes com características pessoal e social diversas, não sendo mais uma pronúncia estigmatizada. Além dos oito falantes, o repórter Jota Junior também realiza o apagamento do segmento [h] em posição final absoluta quando este pronuncia [pah'ti] em “[..] quando **partiØ** [...]”, evidenciando que a concepção negativa de que o apagamento da glotal [-voz] é realizado apenas por pessoas de escolaridade baixa é uma ideia errônea, a qual revela a estigmatização e o preconceito linguístico.

O alofone /R/ em posição final absoluta, nos verbos infinitivos apresentados nos exemplos de 1 a 8, possuem o apagamento da consoante -r, bem como apresentam também outras variáveis, como a palatalização em [ẽtreviʃ'ta] e [tʃi'ra] – essas variações prestam-se à caracterização do dialeto pernambucano e também podem confundir o aluno na diferenciação entre o fonema e o grafema na leitura, na escrita e na compreensão de normas gramaticais, como o uso da consoante -s em e a não palatalização diante da consoante coronal [t] e das vogais [i, ɪ].

Vale lembrar que o apagamento da glotal [h] em posição final absoluta, no português brasileiro, se constitui por um fenômeno observado em todas as regiões dada à posteriorização do ponto de articulação da consoante, acompanhada de um processo de enfraquecimento e perda, se em final de palavra.

Além disso, os resultados apresentados nos oito exemplos corroboram com os achados de Monguilhott (1997), que encontrou um índice de 71% de apagamento para dados coletados em situações similares às nossas. Primeiramente, os estudos sobre o tema parecem convergir para o fato de que a função morfêmica favorece o apagamento do /r/, conforme citado anteriormente. Os nossos dados atestam esse fato, pois foi encontrada uma taxa de 100% favorável ao apagamento nos dados em que a vibrante assume função morfêmica. Esse resultado pode estar relacionado ao fato de que verbos (estejam eles na primeira ou terceira pessoa do subjuntivo, ou ainda no infinitivo) são marcados, com redundância, pelo acento lexical (que recai sobre a última sílaba) e pela presença do [-r] morfêmico.

Assim, devido ao considerável número de ocorrências e de apagamentos da vibrante nessa palavra, pode-se inferir que a frequência do uso (Bybee, 2001) pode estar influenciando esse apagamento. Nos dados, verifica-se que houve apagamento categórico na fala dos falantes, e apesar do número limitado de casos na produção de cada um falante, ainda assim é possível afirmar que essa tendência se mantém para um número maior de dados – sendo uma variação presente em toda a região brasileira

devido a questões acústicas que não foram estudadas neste artigo.

Quanto à interação comunicativa entre os indivíduos, as ocorrências de apagamento do /r/ nos exemplos não se tornam um problema na compreensão durante a interlocução entre os falantes durante as entrevistas. As regras gramaticais prescrevem que os verbos no infinitivo devem manter a desinência “-r” como marca temporal do verbo no infinitivo, classificando-o quanto à sua estrutura mórfica. No entanto, é possível observar que na prática linguística pernambucana, os falantes não pronunciam mais essa desinência, e esta não se qualifica como um erro de comunicação.

Portanto, há uma contraposição entre a regra gramatical estabelecida e a prática linguística observada na fala pernambucana. Enquanto a regra gramatical prescreve a pronúncia da desinência “-r” para que os verbos sejam classificados como infinitivos, a realidade linguística demonstra uma variação fonética na qual essa desinência pode ser omitida na fala cotidiana sem comprometer a compreensão entre os falantes, pois o acento tônico recai na sílaba facilitando a identificação da flexão verbal. Vejamos: [ẽtrevɪf'ta], [tʃi'ra], ['kɜ], [vi've], [peh'de], ['ve], [sɔw'ta], [pɜ'ga] e [gɔʃ'ta].

Ademais, também se observou a necessidade da apresentação de algumas questões que merecem destaque quanto à realização do segmento /r/ analisado, como a análise acústica dos dados referente aos picos espectrais, parâmetros de intensidade e ao nível de escolaridade dos participantes da pesquisa, abrindo, então, uma lacuna que poderá ser preenchida em pesquisas posteriores.

5 Proposta de atividade

Os desvios ortográficos, os déficits na leitura e na escrita e os problemas na compreensão das normas apresentadas pela gramática são resultantes da transposição da fala que ocorre quando a escrita é influenciada pela pronúncia dos alunos, pois eles podem pensar erroneamente que a escrita simplesmente reflete a fala. No entanto, tanto a fala quanto a escrita são formas contextualizadas de representar a língua (Marcuschi, 2001). Diversos fenômenos observados na escrita podem ser atribuídos ao processo de transcrição da fala.

Por isso, no apêndice 1, foi proposta um modelo de atividade destinado a abordar os seguintes desvios: a omissão do /r/ em posição final de sílaba e a omissão do /r/ em posição medial de sílaba. Essa proposta de atividade foi desenvolvida para atender ao 9º do ensino fundamental anos finais, visto que muitos alunos terminam os anos iniciais com déficits na compreensão da relação som-letra e ingressam no ensino médio apresentando estes déficits, conforme apontado em pesquisas anteriores (Arruda Neta, Bezerra, 2024 *no prelo*).

Outra prática pedagógica que poderá auxiliar os alunos que apresentam dificuldades no desenvolvimento de sua consciência linguística e fonológica é a elaboração de um ditado com palavras que possuam a vibrante /r/ em posição medial, posição final e posição final absoluta, para que os alunos se sensibilizem para a necessidade do monitoramento durante a escrita. Também se pode utilizar da "adedonha" (Stop) só com verbos no infinitivo ou trabalhar com a apresentação de palavras com medial suprimido e solicitar que os alunos apresentem a versão usada na escola.

Considerações finais

Observando-se que, para as variáveis encontradas, obteve-se taxas de apagamento de 100% pode-se considerar que há uma tendência ao apagamento do segmento vibrante /r/ no falar pernambucano, especialmente quando o /r/ encontra-se em final de verbos no infinitivo assumindo função morfêmica. Como os resultados de apagamento corroboraram achados de estudos anteriores, também pode-se apontar para uma variação já implementada no português brasileiro, o que se distingue da regra gramatical que exige a presença da desinência “-r” nos verbos.

Sabendo da necessidade de observar se na escrita haveria essa mesma recepção do apagamento da vibrante nos verbos no infinitivo. Faz-se profícuo observar além da oralidade, pois somente a análise da escrita evidenciaria a ruptura entre a escrita dos brasileiros e as regras gramaticais. Os comentários de redes sociais ou mensagens enviadas pelo Whatsapp abarcam variados exemplares que podem ser analisados, exibindo, assim, a frequência usual desse apagamento, tanto na fala quanto na escrita.

Com relação à atividade, espera-se que esta auxilie e sirva de material para serem criadas novas propostas para os alunos que ainda enfrentam dificuldades com a ortografia e com a gramática em suas produções escritas, mesmo no ensino médio.

Referências

ARRUDA NETA; BEZERRA. **A relação som-letra: fundamental para a aprendizagem da leitura e da escrita.** 2024. (No prelo).

BYBEE, J. **Phonology and language use.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CAGLIARI, L. C. **Análise Fonológica.** Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. *In:* KOCH, Ingedore (Org.). **Gramática do português falado.** Campinas: UNICAMP, 1996. v. 6, p. 465-493.

CASTRO, Yeda Pessoa. **Camões com dendê: o português do Brasil e os falares afro-brasileiros.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2022.

COUTO, Hildo Honório do. **O que é português brasileiro.** 6ª ed. Editora Brasiliense. 1991.

CHINI, Alexandre. **Gramática normativa da língua portuguesa: um guia completo do idioma** / Alexandre Chini, Marcelo Moraes Caetano. – Brasília: Conselho Federal, 2020.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder.** São Paulo: Martins Fontes, 1985.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola Editorial, [1972], 2008.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros.** Rio de Janeiro: Jorge

Zahar Editor, Série Descobrimdo o Brasil, 2002.

MONARETTO, V. N. de. O. **O apagamento da vibrante posvocálica nas capitais do sul do Brasil.** Letras de Hoje, v.35, n.1, p.275-284, 2000.

MONGUILHOTT, I. O. S. **A vibrante em final de palavra em Santa Catarina.** In: Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, Anais do II CELSUL. Florianópolis, 1997.

ORLANDI, E. P. **A língua Brasileira.** In: Brasil: país multilíngue. Cienc. Cult. vol.57 no.2 São Paulo Apr./June 2005.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.